

O processo de gramaticalização do juntivo adversativo *porém* na história do português

(The process of grammaticalization of adversative junctive *porém* in the history of the Portuguese language)

Tatiana Mazza da Silva¹

¹Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Campus de São José do Rio Preto – Bolsista CAPES

tmazza@sjrp.unesp.br

Abstract: The aim of this article is to present the analysis of the syntactic, semantic, pragmatic change of the adversative junctive *porém* in the history of the Portuguese language. We prove, by assuming the postulates of grammaticalization as a theoretical base and through contextual analyses that explain the emergence of an adversative conjunctive use of the item, the trajectory from adverb to conjunction. For the analysis, we use written data taken from different texts from the thirteenth to the twentieth first century as corpora.

Keywords: linguistic change; grammaticalization; adversative junctive *porém*.

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar a análise da mudança sintático-semântico-pragmática do juntivo adversativo *porém* na história do português. Tendo como fundamentação teórica os postulados da gramaticalização, comprovamos, por meio de análises contextuais que explicam o surgimento do uso conjuncional adversativo do item, a trajetória de mudança advérbio > conjunção. Para análise, utilizamos como *corpora* dados de escrita de diferentes textos do século XIII ao XXI.

Palavra-chave: mudança linguística; gramaticalização; juntivo adversativo *porém*.

Introdução

Este trabalho apresenta parte dos resultados da dissertação de mestrado intitulada *Gramaticalização dos juntivos adversativos na história do português* (SILVA, 2010), que teve como objetivo investigar a gramaticalização dos juntivos adversativos *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto* desde o século XIII até o século XXI. Para este artigo, tem-se como objetivo a descrição da mudança sintático-semântico-pragmática de *porém* do século XIII até a sincronia atual, sob a perspectiva da gramaticalização, com vistas a comprovar a hipótese de uma trajetória do tipo *advérbio > conjunção*, por meio de análises contextuais que expliquem o surgimento do uso conjuncional adversativo na história do português.

Segundo Houaiss e Villar (2001), *porém*, datado do século XIII, advém do advérbio latino *proinde* e da sua forma abreviada *proin*, ambos com o sentido de “por isso”. No português arcaico, esses advérbios deixam de significar “por isso”, “por esta razão”, passando a significar “mas”, “apesar disso”. Isto é, deixam de expressar a noção de causa para expressar a noção de oposição de ideias. Além da mudança semântica, *porém* passa também por uma mudança sintática, saindo do domínio dos advérbios para integrar o domínio das conjunções.

Com base nos critérios de frequência *token* e *type* (HEINE et al., 1991, 1991; BYBEE et al., 1994; BYBEE, 2002, 2003),¹ verificamos para este artigo as ocorrências desse item levando em conta os seguintes fatores: i) posição sintática; ii) relação semântico-discursiva; iii) presença de negação.

Para análise, foram selecionados textos variados de fontes históricas e também dados de escrita do português contemporâneo. Para compor o *corpus* diacrônico, foram selecionados textos pertencentes ao “Banco Informatizado de Textos”, do Projeto para a História do Português (BIT-PROHPOR), de responsabilidade dos pesquisadores da Universidade Federal da Bahia, complementados pelos textos do “Corpus Diacrônico do Português”, organizado por Longhin-Thomazi (2007). Para representar o século XX, foram selecionados alguns textos do Banco Lexicográfico da UNESP-Araraquara e, representativo do século XXI, selecionamos alguns textos de caráter opinativo-argumentativo (painel de leitores, editoriais, crônicas jornalísticas) do jornal *Folha de São Paulo*.

Este artigo é estruturado da seguinte maneira: i) primeiramente, apresentamos os pressupostos teóricos que norteiam as nossas análises; ii) discutimos sobre o processo de gramaticalização do juntivo *porém*; iii) por fim, tecemos algumas considerações finais.

O paradigma da gramaticalização

Segundo Hopper e Traugott (2003), a gramaticalização pode ser entendida como um processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos, a assumir funções gramaticais ou, se já gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Esse processo de mudança envolve uma pragmatização crescente de significados (mudança semântica) e uma recategorização do item (mudança sintática) (cf. TRAUGOTT (1982, 1999) e TRAUGOTT; KÖNIG (1991)).

A unidirecionalidade, princípio fundamental da gramaticalização, norteia todos os processos de mudança, uma vez que a mudança segue um caminho único, sempre do mais lexical para o mais gramatical, e não vice-versa. Essa hipótese da unidirecionalidade pode ser vista tanto na própria definição de gramaticalização, a qual pressupõe um aumento de gramaticalidade, pois um item lexical adquire características de um item gramatical, e não vice-versa, quanto nos mecanismos que regem o processo, sendo os principais a metáfora e a metonímia.

A metáfora, de modo geral, é definida como o uso de um item do domínio concreto que é empregado num domínio mais abstrato; já a metonímia, também chamada de *reinterpretação induzida pelo contexto*, refere-se à mudança que uma determinada forma sofre devido ao contexto em que está sendo utilizada.

Os processos metafóricos são como processos de transferência de sentidos por meio de fronteiras conceituais, que envolvem uma abstratização de significados. Heine et al. (1991), para mostrar essa abstratização de significados, utilizam o seguinte *cline* de categorias cognitivas: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade.

Heine et al. (1991) reconhecem que a transferência metafórica acarreta uma mudança abrupta de um domínio para o outro, enquanto a gramaticalização é um processo gradual.

¹ Utilizamos como ferramenta para extração da frequência *token* e *type* o pacote estatístico *Goldvarb* e seus subprogramas.

Para relatar a mudança gradual do significado, eles reconhecem um segundo processo, que é pragmaticamente motivado. Esse processo envolve uma reinterpretação induzida pelo contexto, metonímia, e conduz o surgimento de sentidos sobrepostos.

Esse segundo mecanismo, a metonímia, ocorre quando um item, em determinado contexto, adquire um sentido que gradualmente se convencionaliza ao sentido original. Esse processo explica o desenvolvimento de algumas conjunções como o *since* do inglês, citado por Traugott e König (1991). Essa conjunção que originalmente tem um sentido temporal passa a assumir, em determinados contextos, uma noção causal, até adquirir um sentido puramente causal, como revelam os exemplos abaixo extraídos dos autores:

- (1) I have done quite a bit of writing *since* we last met. (temporal)
- (2) *Since* Susan left him, John has been very miserable. (temporal/causal)
- (3) *Since* you are not coming with me, I will have to go alone. (causal)

Como se vê, a categoria metafórica de *tempo* é utilizada para expressar uma noção de *causa*, que é mais abstrata e, num dado momento, a relação tempo/causa coexistem. Essa mudança de *since* pode ser representada pelo seguinte *cline*: **tempo > tempo/causa > causa**.

Em suma, tanto a metáfora quanto a metonímia estão relacionadas à informatividade, mas em diferentes eixos. A mudança metafórica, como já foi dito, define certas noções em termo de outras não presentes no contexto; já a mudança metonímica envolve também a definição de certas noções em termos de outras, só que, ao contrário da metáfora, essa relação está presente no contexto.

Dentro da gramaticalização de conjunções, os trabalhos de Traugott (1982, 1999), de Traugott e König (1991) e de Sweetser (1990) são importantes referências. Esses autores advogam que, no processo de gramaticalização, um item passa de significados referenciais, mais concretos, a significados pautados na atitude do falante acerca do que está sendo dito, intermediados por significados relacionados com a construção textual.

Gramaticalização de *porém*

À luz dos pressupostos da gramaticalização, analisamos o emprego de *porém* entre os séculos XIII e XXI, a fim de depreender o processo de mudança sintática e o processo de abstratização e pragmatização de significados. No gráfico, à pagina seguinte, apresentamos a frequência *token* de *porém* nesses séculos.

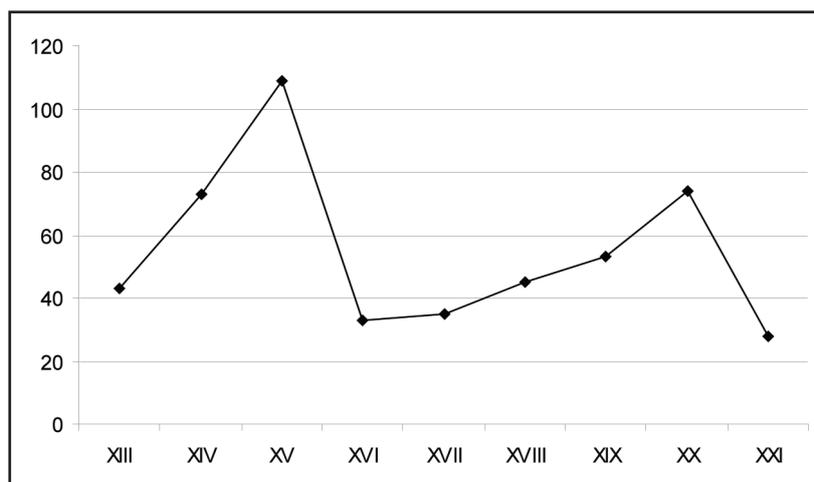


Gráfico 1. Frequência *token* de *porém* do século XIII ao XXI

A partir desse gráfico, observamos que *porém* aumenta de frequência *token* em dois momentos, durante os séculos XIII a XV e durante os séculos XVII a XX. O declínio entre o século XV e XVI pode estar relacionado ao processo de constituição do valor adversativo por que o item estava passando. Segundo Mattos e Silva (1984), esse período em que há um declínio dos usos de *porém* coincide com o período que a conjunção adversativa *pero*, que apresenta a mesma trajetória sintático-semântica de *porém*, entra em desuso na língua portuguesa para ser afirmada como conjunção adversativa na língua espanhola.. Já o declínio entre o século XX e XXI estaria relacionado ao *corpus* jornalístico que foi utilizado na pesquisa, uma vez que esse gênero textual controla o número de caracteres, inviabilizando, assim, a ocorrência de determinados itens.

Na tabela 1, apresentamos as frequências *token* e *type* de *porém* nos séculos investigados.

Tabela 1. Frequências *token* e *type* totais de *porém* na história do português (séc XIII a XXI)

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
493	04		
	Categoria	Valor semântico	Totais
	Conjunção (33,6%)	Conclusivo-explicativa	23 (4,7%)
		Ambígua: conclusivo-explicativa/ adversativa	3 (0,6%)
		Adversativa	140 (28,3%)
	Advérbio juntivo (54%)	Conclusivo-explicativo	92 (18,7%)
		Ambíguo: conclusivo-explicativo/ adversativo	3 (0,6%)
		Adversativo	171 (34,7%)
	Advérbio (12,4%)	Conclusivo-explicativo	46 (9,4%)
		Reforço	15 (3%)
	Total		493 (100%)

Como se pode verificar na tabela acima, *porém* apresenta um total de 493 ocorrências entre os séculos XIII a XXI, distribuídas em 3 *types sintáticos* – advérbio, 12,4%, advérbio juntivo, 54%, conjunção, 33,6%. Em relação aos *types* semânticos desempenhados por *porém*, há quatro *types* – conclusivo explicativo (32,8%), adversativo (63%), ambíguo (1,2%) e reforço (3%) –, distribuídos da seguinte maneira: o *type* conclusivo-explicativo ocorre predominantemente como advérbio juntivo (18,7%) e ocorre também como conjunção (4,7%) e como advérbio (9,4%); o *type* adversativo ocorre como conjunção (28,3%) e predominantemente como juntivo (34,7%); o *type* ambíguo ocorre na mesma frequência, 0,6%, tanto como conjunção quanto como advérbio juntivo; e o *type* reforço de um outro juntivo de mesmo valor ocorre como advérbio (3%).

Como se pode observar a partir dos percentuais apresentados na tabela acima, o *type* adversativo ocorre predominantemente no *corpus* investigado, correspondendo a 63% das ocorrências encontradas. Embora o uso como juntivo adversativo ainda detenha a maior percentagem, 34,7%, o uso como conjunção adversativa já apresenta frequência próxima da desse uso juntivo, 28,3%. Diante desses percentuais de usos adversativos e de uso como advérbio juntivo e como conjunção, podemos inferir que tanto a mudança semântica quanto a mudança sintática se encontram avançadas, em favor do uso adversativo e conjuncional, respectivamente, como veremos nas análises das ocorrências, apresentadas a seguir.

De 4 a 11, apresentamos ocorrências exemplificativas de *porém* em cada um dos *types* sintático-semânticos encontrados nos *corpora*.

- (4) **Advérbio conclusivo-explicativo**
E quẽ quer que contra isto ueer ou fazer algũa cousa moyra **porende** e nõ seya leyxado uiuo. (13FR, p.4)
- (5) **Reforço Adverbial**
As gallees d' Aragom como souberom que el-rrei de Castella desarmara a frota, desarmarom elles trinta gallees suas, e leixarom dez que andassem pello mar por fazer damno a algũs navios de Purtugall ou de Castella; e foi assi que o fezerom a algũs, mas poucos **porém**, e em pequenos navios. (15CDP, p.45)
- (6) **Advérbio juntivo conclusivo-explicativo**
Esto foy quando o poboo de Ysrael, que saya do Egipto, duuidava entrar pelo mar ruyvo; e o tribo de Judá entrou primeiro depõs Moyses, e **porem** mereceu o Reino. (14BMP, p.54)
- (7) **Advérbio juntivo adversativo**
Não sei se poderei realizar, como tenho desejo, a exposição dogmatica das minhas idéas philosophicas. Quizera concentrar n'essa obra suprema toda a actividade dos annos que me restam a viver. Desconfio, **porém**, que não o conseguirei... (19CAQ, p.8)
- (8) **Advérbio juntivo conclusivo-explicativo/adversativo**
O dia em que el Rey auia dauer sua rreposta, foi assijnado aaquelles senhores e leterados, no quall cada huu disse sua emtemçom, segundo a camtjidade de seu emtemder e saber, nom **porem** afastados de huu proposito. (15CTC, p.9)
- (9) **Conjunção conclusivo-explicativa**
Porque semelhante amor quall el-rrei dom Pedro ouve a dona Enes rraramente he achado em algũa pessoa, **porém** disserom os antiigos que nẽhũu he tam verdadeiramente amado como aquell cuja morte nom tira da memoria o grande espaço do tempo. (15CDP, p.77)
- (10) **Conjunção adversativa**
Além disso, Deus também afirmou que nós deveríamos “crescer e nos multiplicarmos”. Porém a própria igreja não segue essa afirmação divina ao exigir celibato para os padres. (21FSP, dez.04)
- (11) **Conjunção conclusivo-explicativa/adversativa**
– Razõ darás a Deus da mha alma e a ti seera referida maldade de meus pecados se mi perlongares o baptismo, ca temo que per esta demorança caya em mããos daquel de que quero fogir e de cabo meter-m'ia a alma em seus laços. Eu fui maa e torpe e que deitey muyto ao mundo.(...) Porem te rogo que me faças outra vez nacer pela agua do sancto babtismo e dês-me em oferta a Deus. (14FS, p.19)

Em (4), *porém* é usado com seu valor latino de origem, podendo ser parafraseado por *por isso*. É considerado advérbio fórico que traz uma circunstância de causa que predica sobre o verbo *moyra* (morra). Essa circunstância é estabelecida a partir da relação de foricidade do item que recupera o enunciado anterior – *e ver ou fazer alguma coisa contra isso*.

Na ocorrência exemplificativa (5), *porém* reforça o argumento [o ataque a navios de Portugal ou Castela foi feito, mas, ao contrário de que o interlocutor esteja pensando, foi feito a poucos e pequenos navios] que foi apresentado por meio da conjunção adversativa prototípica *mas*. Esse uso, como demonstrado na tabela 01, corresponde apenas a 3% do total de ocorrências encontradas.

Nas ocorrências de (6) a (8), *porém* ocupa a posição medial. Em (6), o item está precedido da conjunção *e* e estabelece apenas a relação de conclusivo-explicativa entre os dois enunciados: a tribo de Judá e Moisés foram as primeiras a entrar no Mar Vermelho;

logo mereceram o reino. A relação sintática é estabelecida pela conjunção *e*. Na ocorrência (7), *porém* ocupa também a posição medial e estabelece apenas a relação semântica adversativa, enquanto a relação sintática acontece por justaposição. O argumento defendido pelo locutor é que, embora ele queira se dedicar a tal atividade todos os anos que ele ainda viverá, ele acredita que ele não conseguirá. A conclusão de não conseguir fazer tal atividade é contrária à conclusão de que ele irá fazer, uma vez que é algo que ele almeja. Por fim, na ocorrência (8), *porém* ocupa também a posição medial e permite duas leituras, uma conclusivo-explicativa e outra, adversativa. Essa ambiguidade ocorre devido à presença do elemento negativo *não*, que faz com que interpretemos o enunciado como “não por isso afastados de um propósito” (= o fato de os senhores e literatos terem dito sua intenção de acordo com o quanto entendia e sabia, não os afastaram por isso de um propósito). Segundo Said Ali (1964), esse contexto que permite a interpretação por *não por isso, nem por isso* foi o ponto de contato para *porém* adquirir valor adversativo. Numa leitura conclusivo-explicativa, a possível interpretação a ocorrência é que *os senhores e literatos não estão afastados de um propósito pelo fato de terem dito suas intenções segundo seu entender e saber*. Na leitura adversativa, por sua vez, temos que *embora os senhores e literatos tenham dito suas intenções segundo seu entender e saber, eles não estão afastados de um propósito*.

Baseados em Fraser (2006), consideramos que os usos juntivos de *porém* fazem apenas a articulação semântica, e a articulação sintática ocorre ou por justaposição ou por meio de outro conector que, segundo Fraser (2006), seria um marcador discursivo primário, pertencente a uma das quatro classes de marcadores discursivos – contrastivos (mas), elaborativos (e), inferências (porque) e temporais (então).

Em (9), o uso de *porém* é considerado conjuncional, pois o item ocupa posição inicial, promovendo articulação sintática e semântica. A leitura como conclusivo-explicativo é estabelecida a partir do fato de que, no primeiro enunciado, é exposto “o amor raro que Dom Pedro sentia por Dona Inês, que está morta”, para, no segundo argumento, por causa de amor entre Dom Pedro e Dona Inês, “os antigos dizem que ninguém ama como aquele que a morte não tira da memória o grande espaço do tempo”.

Uma ocorrência exemplificativa da sincronia atual é a apresentada em (10), em que *porém* ocupa posição inicial, estabelecendo a relação sintática e semântica entre os dois enunciados. A leitura adversativa advém da contra-argumentação que há entre o fato de *Deus afirmar que nós devemos crescer e multiplicar e a igreja, representante de Deus na terra, não seguir essa afirmação divina ao exigir o celibato para os padres*.

Na ocorrência dada em (11), *porém* ocupa posição inicial e permite duas interpretações, uma, conclusivo-explicativa, em que o fato de o locutor ter sido uma pessoa má, desprezível e entregue a uma vida mundana, é a razão pela qual ele roga a Deus que o faça nascer pela água do santo batismo; outra, adversativa, decorre da seguinte leitura: *embora ele tenha sido uma pessoa má, desprezível e que se entregou a uma vida mundana, ele roga a Deus que o faça nascer de novo pela água do batismo*.

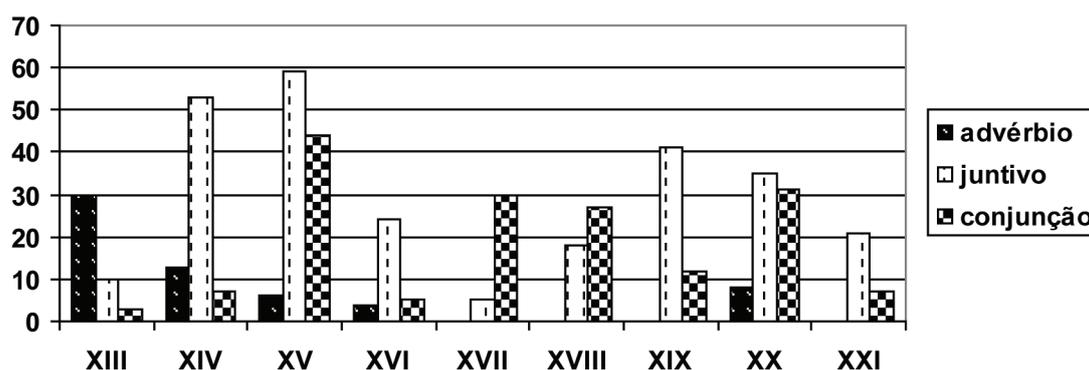
Na tabela 2, expomos o percentual de ocorrências em cada uma das posições sintáticas – inicial, medial e final – ocupadas por *porém*.

Tabela 2. Frequência das posições sintáticas de *porém* na história do português (séc. XIII a XXI)

Posição/categoria		Percentual
Inicial	Advérbio	1 (0,2%)
	Advérbio juntivo	3 (0,6%)
	Conjunção	166 (33,7%)
Medial	Advérbio	42 (8,5%)
	Advérbio juntivo	257 (52,1%)
Final	Advérbio	18 (3,7%)
	Advérbio juntivo	6 (1,2%)
Total		493 (100%)

Diante dos percentuais apresentados na tabela acima, constatamos que *porém* ocorre predominantemente na posição medial como advérbio juntivo, 52,1%, seguida da posição inicial como conjunção, 33,7%. Isso nos permite concluir que *porém* já se encontra num estágio de mudança sintática avançado em favor da cristalização na posição inicial, típica das conjunções prototípicas. Uma análise minuciosa dessa constatação pode ser feita pelo cruzamento dos fatores *categoria* e *século*, como se observa no gráfico 2.

Gráfico 2. O desenvolvimento categorial de *porém* do século XIII ao XXI



O que se pode constatar, a partir do gráfico 2, é que o uso adverbial, durante os séculos XIII a XVI, vai diminuindo, paulatinamente, desaparecendo durante os séculos XVII e XVIII, e reaparecendo, timidamente, no século XX na função de reforço adverbial, como veremos no gráfico 3.

Entre os séculos XIII e XVI e no século XX, há o convívio das três categorias – advérbio, advérbio juntivo e conjunção. Nos séculos XVII e XVIII, há um percentual maior de usos conjuncionais, em relação aos usos juntivos, o qual diminui ao final do

período investigado. Embora haja essa oscilação entre o uso juntivo e o conjuncional, pode-se dizer que a mudança, em favor de um uso também conjuncional, se instaura, de fato, a partir do século XVII, em que usos estritamente adverbiais se tornam raríssimos.

Diante dos resultados apresentados, uma possível escala de gramaticalização das categorias de uso de *porém* seria a dada em (12).

(12) ADVÉRBIO > ADVÉRBIO JUNTIVO > (CONJUNÇÃO)

Quanto ao aspecto semântico de *porém*, na tabela 1, constatamos que *o item* apresenta quatro *types*: (i) conclusivo-explicativo, (ii) adversativo, (iii) ambíguo entre conclusivo-explicativo e (iv) adversativo e reforço. No gráfico 3, apresentamos a distribuição dos valores semânticos de *porém* do século XIII a XXI.

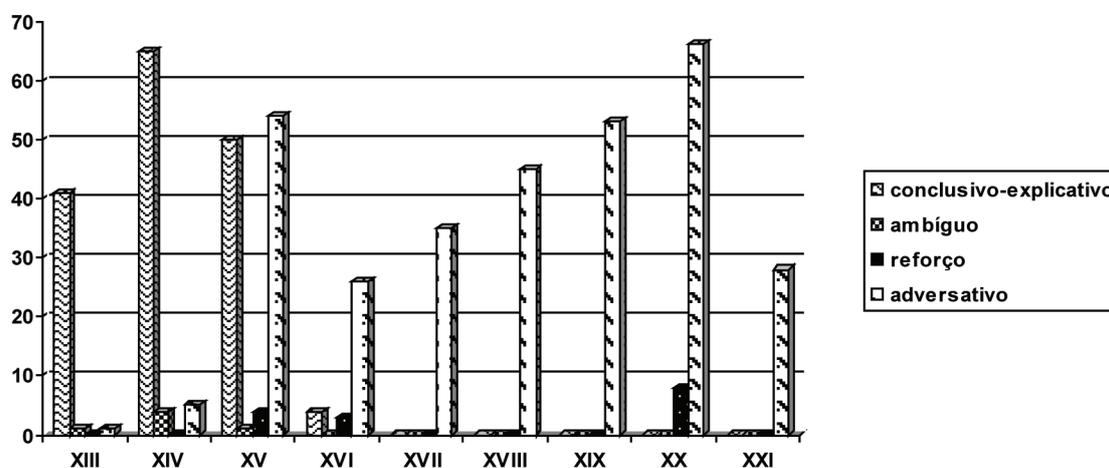


Gráfico 3: Os valores semânticos de *porém* dos séculos XIII ao XXI

Como se observa, no gráfico acima, o valor original de *porém*, conclusivo-explicativo, ocorre até o século XVI, que, segundo Mattos e Silva (1984), foi o século em que *porém* se tornou adversativo e deixou de ser usado como conclusivo-explicativo. Nos *corpora* investigados, pode-se reconhecer o período dos séculos XIII ao XVI como o estágio de polissemia de *porém*, durante o qual se verificam todos os valores semânticos por ele experimentado. É a partir do século XVII que esse estágio termina e que o item assume valor apenas adversativo. Depois de instaurada a mudança semântica do item, o uso adversativo aumenta a sua frequência entre os séculos XVI a XX, diminuindo no século XXI, devido ao fato da preferência por *mas* nos textos jornalísticos, como já mencionado. Uma possível escala de gramaticalização das funções semânticas de *porém* seria:

(13) CONCLUSIVO-EXPLICATIVO > AMBÍGUO/REFORÇO > ADVERSATIVO

A trajetória de mudança semântica, apresentada em (13), pode ser explicada por um viés metonímico ou metafórico. Pela metonímia, a proposta defendida por Said Ali (1964, p. 187) de que “o ponto de contacto entre situações tão diversas está nas frases negativas, e foi naturalmente por elas que principiou a transição semântica”, é comprovada, como veremos na tabela 3.

Tabela 3. O uso de *porém* em presença de elemento de negação ao longo da história do português (séc XIII a XXI)

Contexto Negativo	Frequência
Negação na primeira oração	70 (31,2%)
Negação na segunda oração	141(63%)
Negação nas duas orações	13 (5,8%)
Total	224 (100%)

O uso de *porém* em contexto negativo corresponde a 45,4% (224/493) das ocorrências investigadas. Com base nesses percentuais, o uso de *porém*, em contextos negativos, favoreceu a assimilação, via metonímia, do valor de negação, passando a expressar a negação do que tinha sido dito anteriormente. Em (14), apresentamos uma ocorrência que exemplifica esse contexto.

- (14) Esta imperfeita execução da referida Lei durou até 9 de Março de 1832, época em que o Governo, autorizado pelo Artigo 15 § 2.º da Lei de 15 de Novembro de 1831, reformou a Academia pelos Estatutos daquela data. Então forão reunidas as duas Academias Militar, e de Marinha, segregando-se a maior parte do Curso philosophico, e creando-se Cadeiras de Construcção terrestre e naval: não se achando **porém** conveniente a referida reunião, por Decreto de 22 de Outubro de 1833 se separá-rão de novo as duas Academias, conservando-se os Estatutos relativos á Militar, mas consideravelmente contrahidos. (19RNG, p. 8)

Em (14), a relação adversativa é estabelecida entre ter feito a união da Academia Militar e da Marinha e a não conveniência dessa união. O uso do elemento *não*, na segunda oração, nega a inferência de que essa união feita anteriormente tivesse sido conveniente. O uso de *porém*, já como adversativo, colabora para estabelecer essa relação lógico-argumentativa.

Por um viés metafórico, teríamos a atuação da escala *espaço > tempo > (texto)*, proposta por Heine et al. (1991). Como sabemos, *espaço* é uma categoria cognitiva que pode ser entendido como espaço do texto. De acordo com Rocha (2006), o pronome anafórico que compõe a forma *porém* — *ende* — perde a referência localizada no texto (domínio do espaço) e assume sentidos expressivos no texto, ao estabelecer a relação de contrajunção, uso eminentemente argumentativo e, portanto, mais abstrato que seu congêneres anterior. Na escala abaixo, ilustramos a mudança, via metáfora.

- (15) **CONCLUSIVO-EXPLICATIVO** > **ADVERSATIVO**
ESPAÇO > *TEXTO*

Numa atuação conjunta da metáfora e da metonímia, teríamos que, enquanto aquela atua na abstratização do sentido do espaço, com auxílio do pronome anafórico *ende*, essa atua no contexto negativo que se mostra como favorável para instaurar a mudança. Uma escala que mostra a atuação dos dois mecanismos é apresentada em (16).

Metonímia (contexto negativo)



(16) CONCLUSIVO-EXPLICATIVO > ADVERSATIVO
 ESPAÇO > *TEXTO*



Metáfora (abstratização do sentido de espaço)

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo apresentar a mudança sintático-semântico-pragmática do juntivo adversativo *porém* na história do português. Para tanto, trabalhamos com os fatores *categoria do item*, *função semântica estabelecida por ele* e *presença de negação*.

A partir dos diferentes cruzamentos feitos entre esses fatores, diagnosticamos que *porém* adquiriu primeiramente o valor adversativo e, atualmente, a mudança sintática do item a favor da posição inicial está em estágio avançado de gramaticalização, como se pode observar pelos percentuais apresentados nas tabelas 1 e 2 e pelos gráficos 2 e 3. Sendo assim, podemos dizer que a trajetória de gramaticalização de *porém* obedece à precedência da semântica sobre a sintaxe, corroborando postulados funcionalistas como os de Dik (1989) e Givón (1979).

Para explicarmos a mudança semântica, valemo-nos da hipótese de uma atuação conjunta dos mecanismos de metáfora e metonímia, apontando que a abstratização do sentido de *espaço do texto* e a ocorrência em contextos negativos favoreceram para a aquisição do valor adversativo de *porém*. Baseados nos trabalhos de Traugott e König (1991), Traugott (1982, 1999) e Sweetser (1990), podemos concluir que *porém* está seguindo a trajetória **textual** (valor anafórico) > **expressivo**.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (Eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

_____. Cognitive processes in grammaticalization. In: THOMASELLO, M. (Ed.) *The New Psychology of Language*. v. II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc., 2002.

BYBEE, J., PERKINS, R., PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.

DIK, S. *The theory of functional grammar*. Pt 1: The structure of the clause. Dordrecht-Holland/Providence: Foris Publication, 1989.

FRASER, B. *Approaches to discourse particles*. Amsterdam: Elsevier Science, 2006.

- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- HEINE, B. et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LONGHIN-THOMAZI, S.R. *Corpus diacrônico do Português*. São José do Rio Preto: UNESP, 2007. Disponível em: <www.cdp.ibilce.unesp.br>. Acesso em: 25 abr. 2008.
- MATTOS e SILVA, R. V. Pero e Porém: mudanças em curso na fase arcaica da língua portuguesa. *Boletim de Filologia*, Lisboa: Centro de Linguística de Lisboa, v. II, tomo XXIX, fasc. 1-4, p. 129-151, 1984.
- ROCHA, A.P.A. *Gramaticalização de conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC-Rio, Rio de Janeiro.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SILVA, T.M. *Gramaticalização de juntivos adversativos na história do português*. 2010. 177 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- SWEETSER, E. *From Etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TRAUGOTT, E. *From subjectification to intersubjectification*. Paper presented at the Workshop on Historical Linguistics, Vancouver, Canadá, 1999.
- _____. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, C., MALKIEL, Y. (Orgs.). *Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 245-271.
- TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Orgs.) *Approaches to grammaticalization*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991.